

Introdução à discussão do trabalho *Pulsões, vocês têm uma vida?*, de Bernard Chervet

*José Carlos Calich**, Porto Alegre

Este texto reproduz o comentário introdutório à discussão do artigo de Bernard Chervet Pulsões, vocês têm uma vida?, apresentado na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre em 2014. O autor faz uma breve reflexão sobre o conteúdo trazido pelo convidado e propõe algumas questões para seu melhor entendimento e desenvolvimento de sua temática.

Palavras-chave: pulsão, propensão extintiva da pulsão, funções do supereu (ou Superego).

* Psicanalista, membro associado e assistente de ensino da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Em primeiro lugar queria agradecer à comissão científica e à diretoria da SPPA a oportunidade de ocupar este espaço privilegiado para comentar este riquíssimo trabalho de Bernard Chervet (2015). Quero agradecer também à colega Marli Bergel pelo excelente resumo que fez deste texto, na discussão preparatória à vinda do casal Chervet, o qual recomendo aos que quiserem uma introdução ao tema.

O texto de Bernard Chervet (*Idem*) é muito elaborado, dando-me a impressão de ser uma espécie de autobiografia psicanalítica e intelectual. A expressão de uma trajetória, um percurso, onde cada palavra foi meticulosa e longamente refletida e articulada, tornando-se, por isso mesmo, muito denso e difícil de apreender em sua totalidade.

Bernard Chervet inicia apresentando o *escândalo* e a *inquiétude* (termos também de Piera Aulagnier) que a noção de pulsão desperta, chamando atenção à confusão que se produz em nosso psiquismo ao tentarmos refletir sobre o que é a *pulsão*. Destaca, na sequência, as resistências próprias a cada uma das etapas do desenvolvimento do conceito de Freud.

Colocando em minhas próprias palavras aquilo que segue no artigo de Chervet, partiria do ponto em que menciona que Freud, dentre suas definições, coloca a pulsão como um conceito-limite. Um limite que se refere também ao não-representado, ao desorganizado, ao incontrolado, à turbulência, àquilo que, hoje em dia, na teoria dos sistemas caóticos aplicada à psicanálise, aparece como um limite do caos, entre o traumático e a nova organização, que, creio, se aproxima da essência do texto de Bernard Chervet.

Após reflexiva e muito elucidativamente revisitar os três momentos da pulsão no texto freudiano, Chervet (*Idem*) destaca a regressão extintiva e uma função do supereu de reduzir esta propensão extintiva e utilizar as pulsões com a finalidade de inscrevê-las como pulsão psíquica. Destaca, então, um imperativo de inscrição da libido na psique.

Essa leitura, que, na minha imaginação, utiliza a releitura de Lacan para reler a Freud, dá o papel de responsável pela vida psíquica a esse *imperativo de inscrição*, promovendo uma nova concepção das pulsões. Onde destaca que “essa configuração em três termos vem substituir a equação de duas incógnitas, proposta por Freud em 1920, por uma equação de três incógnitas: pulsão de vida, pulsão de morte e imperativo de inscrição” (Chervet, 2015, p. 223).

Ainda que isso esteja no final do texto e necessite de um outro texto para seu desenvolvimento, Chervet afirma que “Esta nova concepção das pulsões que podemos deduzir tem como consequência *uma revisão da noção de trabalho*

psíquico que é induzido, em contraponto, pela tendência pulsional” (Chervet, 2015, p. 222, grifos meus).

Algumas perguntas sobre esse ponto central, feitas de forma necessariamente esquemática (pela limitação de tempo), para conhecermos mais sobre esse estimulante pensamento são as seguintes:

1) Como atua o supereu com esse objetivo de reduzir esta propensão extintiva e utilizar as pulsões com a finalidade de inscrevê-las como pulsão psíquica?

2) Esperando ter compreendido bem, pergunto para confirmá-lo: essa concepção das pulsões parte da ideia de que o trabalho psíquico é essencialmente um contrainvestimento à tendência extintiva da pulsão?

3) Se assim for, como integrar o trabalho progrediente da pulsão, ligado à transformação e desenvolvimento?

4) Há uma menção rápida sobre uma relação triangular entre os três elementos pulsionais e o trabalho analítico: “Nós a encontramos em nosso trabalho cotidiano, concretamente composta pela livre associação regressiva e pulsional, pelos processos do pensamento interpretante do analista (o *setting*) e pelo objeto com seu protocolo” (Chervet, 2015, p. 223). Poderíamos ouvi-lo mais sobre esse ponto?

5) Se estivermos nos referindo a um papel do supereu, estaríamos nos referindo também a uma função auxiliar da linguagem, a mitos e símbolos?

6) Essa forma de pensar a dinâmica pulsional, como uma triangulação primitiva e estruturante, não altera o lugar e a função do Édipo na teoria?

Gostaria antes de agradecer enfaticamente a Bernard e a Emmanuelle, esse casal encantador, simpático, elegante em suas exposições e respostas, muito consistente em suas colocações e não menos consistente no afeto, no breve convívio que tivemos. □

Abstract

Introduction to the discussion on *Drives, do you have a life?*, by Bernard Chervet

This text reproduces the comment that introduces the discussion to Bernard Chervet’s paper *Drives: do you have a life?*, presented at the Psychoanalytical Society of Porto Alegre on 2014. The author briefly reflects upon the content brought by the guest and proposes some questions to enlighten the understanding and development of its topic.

Keywords: drive, extinctive propensity of the drive, superego functions.

Resumen

Introducción a la discusión del trabajo *Pulsiones, ¿tienen ustedes una vida?*, de Bernard Chervet

Este texto reproduce el comentario introductorio a la discusión del artículo de Bernard Chervet *Pulsiones, ¿tienen ustedes una vida?*, presentado en la Sociedad Psicoanalítica de Porto Alegre en 2014. El autor hace una breve reflexión sobre el contenido traído por el invitado y propone algunas cuestiones para su mejor entendimiento y desarrollo de su temática.

Palabras clave: pulsión, propensión extintiva de la pulsión, funciones del superyó.

Referências

Chervet, B. (2015). Pulsões, vocês têm uma vida? *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22 (1): 201-226

Recebido em 09/03/2015

Aceito em 11/03/2015

Revisão técnica de **Cristiano Freitas Frank**

José Carlos Calich

Rua 24 de outubro, 838/603

90510-000 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mal: jccalich@sppa.org.br

© Revista de Psicanálise – SPPA